

2. Anamnesis: guerra, traumas & pesadelos

Neste bloco serão apresentadas as obras escolhidas que, de um modo original, refletem os conflitos armados decorridos na 2ª metade do século XX, sejam eles os da luta pela libertação, ou os da guerra civil. As narrativas deste tipo caracterizam-se em geral por uma forte dimensão emocional que é fruto de experiência pessoal. A seleção das obras apresentadas, no entanto, pretende mostrar também, à base de perspetivas diferentes, a complexidade do problema em questão.

Ascêncio de Freitas: *Carmen Era o Nome* (1996, LM)

Ascêncio de Freitas (1926) nasceu em Portugal, viveu trinta anos em Moçambique e, após a independência, em 1978, regressou novamente a Portugal. Trata-se então de um autor que pertence a duas literaturas, moçambicana e portuguesa, tal como por exemplo Rui Knopfli. O seu romance aqui apresentado, porém, pelo seu teor identitário (a inserção no espaço moçambicano, a opção de pertença ao lado moçambicano) deve ser considerado como uma das grandes narrativas moçambicanas. A sua ação situa-se na região do rio Muda em Moçambique, durante a guerra colonial. Embora a perspetiva pertença a um rapaz, ávido de conhecer tanto os segredos da mata, como os da casa, a personagem central e de maior interesse é o pai da família, um homem carismático, inconformista e em todos os sentidos independente que, embora sendo um colono português, branco com uma família branca, apoia os guerrilheiros escondidos na mata. Após a eclosão da guerra, vem buscar a sua família à cidade, levando-a para a selva que é, na sua opinião, menos perigosa. Na casa grande da mata, assim, começa a desenvolver-se um drama de sobrevivência, traição, vingança e amor fatal. Toda a narrativa transmite as sensações de perigo, de medo e de terror, experimentadas pelo rapaz.

Naqueles dias comecei a dar-me conta da extrema solidão de Pai. É escura e seca a sua cara pela manhã, como o pó da terra. Ele, sua própria natureza o isola do mundo, sua alma fechada, o fogo do olhar mostrando o turbilhão que há dentro dele. Jorge, meu

irmão, a mãe, a outra mulher, dentro da casa, tomados pelo silêncio – como se tivessem desaparecido já, por completo, da vida de Pai. Ficámos apenas, nessa vida, eu e ele, os pés sempre nas trilhas, rondando, sem palavras para dizer. Pai nunca queria dormir no mesmo local – libertava-se à noite da mochila e dos bornais, cravava a faca no chão, a carabina sempre junto dele. Eu via-o assim sereno, sempre na mesma, taciturno, na claridade do dia ou nos reflexos vermelhos da fogueira, pela noite. Sem pensar como seria, esperava o fim de tudo – o coração pulsando de medo. Pai, o escuro dos olhos e a tempestade, e o riso, se voltar a existir na boca, deve ser triste. Na tarde serena, Jorge, meu irmão, conhecia o sentir de Pai:

– Para ele, irmão, a traição é a pior das humilhações.

Ali estávamos, eu e Pai, a estranheza dentro de mim em cada minuto. Podia estender os braços e abraçar-me, eu escutaria o coração batendo, mas ouvia apenas o fogo mordendo a lenha – os meus olhos fugindo dos seus olhos, como tomados de medo. E em volta sempre outros fogos na noite, a guarda sempre montada – ao lado de Pai, como um símbolo, a faca cravada na terra. Os cabelos corridos, o lenço vermelho no pescoço, a camisa suada. O rosto cavado pela luz da fogueira, secos os lábios, sombrio o olhar. Sua atenção sempre posta nos ruídos da noite, seu hábito de caçador, os sentidos despertos.

– A vida demora.

Ele dizia apenas por dizer – sabia esperar. Na mata, durante meses seguidos, a luta dos homens e os estampidos das armas. Mesmo agora, a noite com suas vozes, é tranquila e controlada a voz de Pai. Mas perturba-o a traição – o olhar sombrio, o desejo de pagar o que lhe tinham feito, esquecido de todo o tempo que se vivia, a guerra e os interesses em jogo. Vejo os dentes, destacados na barba escura, a raiva controlada. Palavras trancadas na boca, não pensa noutra coisa, eu sei, o seu maior desejo é procurar o traidor, o ajuste de contas. Mas domina minuto a minuto aquele desejo – caçador experimentado, sabe esperar. Foi então que eu compreendi: apesar da raiva, apesar de tudo, na vida de Pai o que existe, apenas, é a solidão. Até a liberdade que deseja não é mais do que solidão – Pai vive dentro dela.

O fogo, que está no chão, reflecte nos seus olhos. A escuridão mais escurecida pelas nuvens negras, parece que o Muda, todo o território, se agita dentro da noite. Na manhã, após a dormida na manta sobre a terra nua, a mochila e os bornais no dorso de Pai outra vez, a faca no cinto e a carabina nos braços, ele, Makombe, como jurado numa cisma, surdo para o canto das aves, farejando os caminhos, percorrendo as trilhas, espiando a casa e a mata em volta. O que escuta, batendo nos nervos, são as vozes distantes. Mas para ele, Makombe, são os ruídos próximos que têm sentido, é o cair das folhas e o voo dos pássaros, é o estalar dos pequenos ramos secos.

No começo Pai não sabia que ela, Carmen, tinha partido – o medo também dentro dela, também a solidão da mulher sem céu para os olhos, prisioneira da vontade de Pai. E o que ele sempre continuou vendo de longe, do alto da colina pelos dias em fogo, foi

a casa com a companheira lá dentro, esperando, ele em luta pela liberdade de um povo que não era o seu, ou apenas, quem sabe?, extravazando a violência que tinha em si – Jorge, meu irmão, sem dizer nunca que ela tinha partido. Lá, um pedaço limpo de terra dentro da mata e no meio a casa – Pai imaginando a mulher esperando, em seu olhar duro a certeza de que a vida seria retomada um dia. Contudo, ele procurando vingar-se dessa vida que o traía, lutando à sua maneira – ela, Carmen, já longe de tudo, o Muda, talvez, esquecido para ela.

(FREITAS, Ascêncio, *Carmen Era o Nome*. Lisboa: Vega, 1997, p. 107–109)

Orlando Muhlanga: “A Fúria da Camponesa”

(LM)

Orlando Muhlanga (1963–1996), o escritor moçambicano, é mais conhecido pelo seu romance Diário de Sangue (1994), centrado no conflito da guerra civil. Tal questão emerge também no conto aqui escolhido que, acima de tudo, exprime o absurdo dessa guerra civil fratricida, em que os mais próximos podiam encontrar-se nos lados opostos do conflito.

Joana, ela gosta que lhe chamem por Teyasse, sobretudo quando quer fazer um juramento a sério, ficou esperando pelo regresso do marido e sempre fiel às canções que ouviu cantar no dia em que acompanharam-na para «ukati» (casamento).

Nos primeiros anos, ela viveu em Missine com os sogros, mas como o irmão mais velho do Muzonde sempre a acompanhava para o rio com a sua estória de que não pode deixar a fortuna do irmão apodrecer e o sogro tinha a «mania» de que é mulherengo, preferiu vir viver em Maluana com a mãe e os irmãos já que o pai havia falecido...

«É preferível fazer com desconhecidos, mas fazer o quê? O que não admito é o pai dele também querer que eu seja sua mulher» suspirava ela nas suas viagens individuais. Com a mãe sabia que não iria viver porque ela ainda podia querer lhe dar banho, esquecendo-se de que ela também já é mãe, depois com aquele controlo dos irmãos, voltaria a ser Teyassane como no antigamente.

Construiu uma palhota e vivia com a sua filha que nascera dois meses depois do seu Muzonde partir sem dizer adeus. «Naquele ano ainda não havia bandidos, toda a gente era alegre e passeava na estrada pela noite dentro, mas agora a situação é outra, amamenta-se a andar», sonha ela.

De manhã sempre com a enxada no ombro, lata de água e mulala na boca ruma para a cooperativa e Mushuto onde é presidente; também é qualquer coisa das mamas da OMM. Eu via ela a passar perto da nossa posição todos os dias e a distribuir sorrisos de igual a todos os soldados.

Maguengue havia me alertado que ela é boa pessoa mas quando alguém vira a conversa estraga tudo.

«Eu não preciso de virar a conversa, apenas vou lhe dizer a verdade. Ela é jovem e ninguém lhe garante que depois destes seis anos o marido aida regresso», respondia eu ao meu companheiro de trincheira.

Um dia passámos pela sua casa, ela serviu-nos um pouco de tudo o que produzia na cooperativa só que tanto eu como o Maguengue não tivemos coragem de lhe explicar qualquer coisa. De resto, o que ela fazia por nós também o fazia em relação a todos os camaradas que passavam pela sua palhota.

Numa dessas noites em que quando passam não deixam saudades, os bandidos armados entraram em Maluana, entraram pelo quintal onde toda a gente menos suspeita, dizem que queriam estruturas, mas como estas eram ao mesmo tempo milicianos haviam se ausentado em missão de patrulhamento.

Não faziam barulho, andavam como as hienas e batiam às portas devagarinho, mandavam os donos das casas entregarem tudo o que tinham na sua imaginação. Os que eram desconfiados de serem «secretários» eram amarrados numa corda grossa e escoltados sob máxima vigilância. Dos bandidos quem sentisse vontade de matar, fazia-no a baionetadas suáveis e mortais para a vítima não gritar.

Chegaram à casa de mamana Joana. O numeroso grupo de mamas, mufanas e kocuanas carregados de fardos de toda a espécie e amarrados numa corda, daquelas que os «madjonidjoni» usam para escalar a mina, foi mandado parar e sentar-se. Um jovem cujo o tempo ultrapassa a sua idade, cor de roupa igual à da areia, avançou a passos de cavalo em direcção à palhota, bateu a porta com os punhos da mão e tentando falar em mandau disse:

«Abre a porta se não quer morrer».

«Quem é?» perguntou a mamana Joana, ela não tem homem que lhe bate a porta à noite.

«Abre a porta ...», repetiu a mesma voz já num tom de gelar o cabelo. Joana procurou pelos fósforos e acendeu a lamparina. Uma chama sonolenta iluminou seu rosto, projectando, nas paredes por maticar, uma penumbra da sua imaginária beleza, um autêntico «V» virado para baixo.

Amarrou a capulana por cima das mamas e puxou pelo machadinho que acabava de comprar a preço de castanha na cantina do Xirindza, com a outra mão puxou pela porta. Os bandidos armados haviam se juntado, eram volta de onze.

Mamana Joana não conseguiu relacionar o sonho que a sua chará lhe trouxera a noite passada e o chilrear vazio de um macho que a incomodara até os últimos galos de mentira cantarem com a realidade que estava a enfrentar. Até aqui só ouvia falar que há bandidos armados como quem ouve dizer que existem feiticeiros. Nunca os tinha visto ao vivo. Ergueu bem alto o machado que aceitou, bateu em todas as imagens que lhe apareciam pela frente sem saber o concreto do que estava a fazer.

Começaram os estrondos vindos de todas as direcções, os gritos confundiam-se, escuridão total, golpes psicológicos, tudo se apagou na memória da mamana Joana.

Os bandidos haviam sido dizimados todos, os soldados tomavam as últimas posições. Um novo dia nascia do outro lado do rio N'Komati. Mamana Joana cresceu a cabeça quando reparou que o primeiro bandido a levar a machadada nos «cornos» era o verdadeiro Muzonde ou Fernando, homem que lhe desflorara a juventude e prendera o seu coração durante todo o seu tempo.

«Afinal, a vida está toda ela falsificada», pensava ela na medida em que a fúria lhe prendia a memória e lhe dava nova força para continuar a viver.

(In *Domingo*, Maputo, 20 de Novembro de 1988)

(MUHLANGA, Orlando, “A Fúria da Camponesa”, In SAÚTE, Nelson (org.). *As Mãos dos Pretos. Antologia do Conto Moçambicano*. Lisboa: D. Quixote, 2007, p. 496–500)

Pepetela: *Mayombe*

(1980, LA)

Neste romance de Pepetela (1941), ligado à guerrilha, à luta heróica pela independência, o espaço e as personagens ganham contornos míticos (o romance apresenta uma invocação aos guerrilheiros, na qual já sobressaem os mitemas do desafio aos deuses, da floresta escura, de Ogun/Prometeu africano). Um dos maiores encantos do romance deve-se à sua recriação do espaço do Mayombe, animizado, encarado como deus e gigante, que simboliza uma floresta sagrada e maravilhosa e que, no seu seio, gera os guerreiros, em primeiro lugar a principal figura heróica do romance, o Sem Medo. Ao lado da dimensão mítico-heróica, porém, o romance não evita a sondagem no universo interior humano, feito de fragilidades e fraquezas, bem como outras questões profundamente complexas, relacionadas com tribalismo, a distorção do ideal pelo qual se lutava, o perigo de dogmatismo e autocratismo.

O rio Lombe brilhava na vegetação densa. Vinte vezes o tinham atravessado. Teoria, o professor, tinha escorregado numa pedra e esfolara profundamente o joelho. O Comandante dissera a Teoria para voltar à Base, acompanhado de um guerrilheiro. O professor, fazendo uma careta, respondera:

– Somos dezasseis. Ficaremos catorze.

Matemática simples que resolvera a questão: era difícil conseguir-se um efectivo

suficiente. De mau grado, o Comandante deu ordem de avançar. Vinha por vezes juntar-se a Teoria, que caminhava em penúltima posição, para saber como se sentia. O professor escondia o sofrimento. E sorria sem ânimo.

À hora de acampar, alguns combatentes foram procurar lenha seca, enquanto o Comando se reunia. Pangu Akitina, o enfermeiro, aplicou um penso no ferimento do professor. O joelho estava muito inchado e só com grande esforço ele podia avançar.

Aos grupos de quatro, prepararam o jantar: arroz com corned-beef. Terminaram a refeição às seis da tarde, quando já o Sol desaparecera e a noite cobrira o Mayombe. As árvores enormes, das quais pendiam cipós grossos como cabos, dançavam em sombras com os movimentos das chamas. Só o fumo podia libertar-se do Mayombe e subir, por entre as folhas e as lianas, dispersando-se rapidamente no alto, como água precipitada por cascata estreita que se espalha num lago.

(PEPETELA. *Mayombe*. Lisboa: Dom Quixote, 2002, p. 13)

Sem Medo, guerrilheiro de Henda. Antes chamava-se Esfinge, ninguém sabia porquê. Quando foi promovido a Chefe de Secção, os guerrilheiros deram-lhe o nome de Sem Medo, por ter resistido sozinho a um grupo inimigo que atacara um posto avançado, o que deu tempo a que a Base fosse evacuada sem perdas. Uma das muitas operações em que rira do inimigo, sobre ele lançando balas, gracejos e insultos.

Teoria sentia que o Comandante também tinha um segredo. Como cada um dos outros. E era esse segredo de cada um que os fazia combater, frequentemente por razões longínquas das afirmadas. Porquê Sem Medo abandonara o curso de Economia, em 1964, para entrar na guerrilha? Porquê o Comissário abandonara Caxito, o pai velho e pobre camponês arruinado pelo roubo das terras de café, e viera? Talvez o Comissário tivesse uma razão mais evidente que os outros, sim. Porquê o Chefe de Operações abandonara os Dembos? Porquê Milagre abandonara a família? Porquê Muatiânvua, o desenraizado, o marinheiro, abandonara os barcos para agora marchar a pé, numa vida de aventura tão diferente da sua? E porquê ele, Teoria, abandonara a mulher e a posição que podia facilmente adquirir? Consciência política, consciência das necessidades do povo! Palavras fáceis, palavras que, no fundo, nada diziam. Como age em cada um deles essa dita consciência?

Os companheiros começavam a mexer-se, despertando, e o professor não tinha afastado esses pensamentos. O Mayombe não deixava penetrar a aurora, que, fora, despontava já. As aves nocturnas cediam o lugar no concerto aos macacos e esquilos. E as águas do Lombe diminuíam de tom, à espera do seu manto dourado. À frente, descendo o Lombe, a menos de um dia de marcha, devia estar o inimigo.

(PEPETELA. *Mayombe*. Lisboa: Dom Quixote, 2002, p. 17-18)

Pepetela: Geração da Utopia

(1992, LA)

O romance apresenta um fresco de uma geração que lutava pela independência e pelos ideais, afinal tão frágeis quanto os seus protagonistas. A primeira parte localiza-se em Lisboa dos anos 60, na qual sobressai a Casa dos Estudantes do Império como um espaço de partilha de ideias e planos de revolução. A seguir, a narrativa passa pelo período da luta (anos 70), pela época de pós-independência (anos 80) até aos anos 90. Os protagonistas, Sara e Aníbal, encarnam as figuras lutadoras e inconformistas que, pelos seus caracteres e princípios, preferem viver à margem do sistema. O romance exprime a desilusão perante a corrupção e conformismo, vigentes na sociedade angolana pós-independência.

O homem é um ponto minúsculo na chana. O Sol acaba de se erguer e perdeu o tom ensanguentado que guardara por momentos, depois de violar a noite. O homem já deixou atrás de si uma longa extensão de terreno, coberta apenas por capim. A mata, abandonada ao notar os primeiros alvares que lhe indicavam o Leste, ficou bastante longe, tomou mesmo o tom azulado da distância. Nada se apercebe à sua frente, além dum oceano de capim baixo chegando à altura dos joelhos. Mas ele sabe, lá onde finda a chana haverá árvores e sombra. No fundo duma chana há sempre árvores, bem como à direita ou à esquerda ou atrás; a chana é um mar interior, a única incerteza reside no tempo necessário para chegar à praia.

O Sol nascente indicou-lhe o caminho e reaqueceu-o do frio da noite. O homem recebe o calor na cara, como uma carícia particular. Sabe que, em breve, a carícia se tornará incómoda e, mais tarde, tortura. Por enquanto, porém, o Sol é apenas o ser que fez afastar o frio e os terrores nocturnos; é ainda bendito, para depois ser amaldiçoado e, quando desaparecido, ser desejado. Destino de qualquer soberano...

O homem tem uma arma, uma Kalashnikov soviética, apoiada no ombro esquerdo. Um boné verde oculta-lhe o abundante cabelo encarapinhado. A barba farta termina em duas pontas, no queixo. Os olhos são grandes, muito brancos, realçados pelos sinais duma noite mal dormida. Veste uma farda camuflada e calça botas militares. Do cinturão está pendente uma bolsa-cartucheira para os carregadores de reserva, do lado direito. Mais atrás, uma corda enrolada. Do lado esquerdo, o cantil e o punhal adaptável à arma. Na parte da frente do boné está espetado um emblema oval, onde se nota um facho aceso empunhado por uma mão negra: o homem é um guerrilheiro.

Marcha rapidamente em direcção ao Leste, os olhos inquietos abarcando toda a chana. Por vezes, estaca repentinamente e move a cabeça ou inclina-a, para escutar. Logo prossegue, cada vez mais rápido. A farda, as botas, a barba, estão sujas de pó acumulado. A estação seca está no fim, mas as chuvas ainda não começaram. As chanas

estão ressequidas e a poeira cobre tudo. O capim novo já nasceu e contrasta com o amarelo que ficou da estação passada. Nos sítios onde chegara o fogo posto pelos caçadores, o negro calcinado já foi vencido pelo verde possante que fura a terra. Daí a três meses toda a chana estará coberta de água, água parada onde crescerão girinos, sanguessugas e mosquitos, copulando-se constantemente. Então, qualquer marcha será um arrastar torturante com água pelos joelhos, com quedas frequentes por causa dos buracos camuflados e o zumbir permanente dos mosquitos à volta da cabeça.

Agora, a chana está ainda seca e o homem marcha rapidamente para a fronteira-refúgio.

(PEPETELA. *Geração da Utopia*. Lisboa: D. Quixote, 1995, p. 212–122)

Deu o último passo, ficou à frente da entrada. Ligou a lanterna e o feixe de luz amarela passou pelas paredes nuas e brilhantes de quartzo, reflectindo-se em cores azuladas. A câmara devia ter dois metros de largura por três de altura e estava vazia, absolutamente vazia. Voltou a passar a luz, tentando dominar a desilusão. Não era possível, o polvo não estava ali? Tantos anos a sonhar com este momento, a desejá-lo e a temê-lo. Afinal para nada? Sentiu o coração bater com força porque viu em cima um buraco, quase no tecto da caverna. Havia outra câmara, mais interior. E se fosse verdade o que temia, e essa câmara desse acesso à Caotinha, por baixo do morro? Não, é uma gruta, é uma gruta, tem de ser. Bateu os pés com as barbatanas e subiu pela rocha até ao buraco. Primeiro introduziu a arma no buraco, que tinha só a largura suficiente para ele passar. Depois meteu o braço esquerdo, com a lanterna. E ficou paralelamente ao solo, para poder ver. Era uma espécie de pequeno túnel, que se alargava à frente.

Penetrou cautelosamente no buraco, nadando a direito. À medida que avançava, ia apercebendo a gruta à sua frente. Chegou ao bordo do túnel e a luz da lanterna mostrou-lhe uma câmara de uns vinte metros de comprimento e cinco de altura. Mas completamente cheia de água, o tecto devia ficar abaixo do nível do mar. Entrou na gruta, focando a lanterna um pouco à tôa. De repente viu-o, acima e à direita, parado em suspensão. O seu instinto não o tinha enganado, o inimigo estava ali.

Encostou-se à parede do lado esquerdo, dando todo o espaço. O polvo estava longe demais para disparar, a corda do arpão só tinha dez metros. Apontando a arma, olhou-o, todos os sentidos em tensão. O mundo parou, os ouvidos já não zumbiam, Sara escondeu-se num canto da memória. O monstro afastava os tentáculos do corpo e cada vez crescia mais. Não estava pintado de branco, antes parecia roxo-negro, com pintas rosadas das ventosas. O bicho mexeu então os tentáculos e começou a baixar. Queres pôr-te ao meu nível? Como é que vais atacar? De frente, de igual para igual? Em cima talvez tivesses vantagem, o tiro era mais difícil por causa da gravidade. Mas que conta a gravidade dentro da água? Não sei, nem me interessa. Ainda estás muito longe, ataca

que cá te espero. Vim ter contigo, fui eu que dei o primeiro passo. A ti o seguinte, parece-me justo.

O polvo continuava a descer, mexendo mais rapidamente os tentáculos, que pareciam ocupar todo o espaço da gruta. Acabou por ficar à altura dele, mas sem tocar no fundo. Aníbal endireitou-se mais, estava quase de pé. Via agora perfeitamente a cabeça redonda e os olhos. A arma estava apontada para ele, segura apenas pela mão direita. Com a água absolutamente parada, não lhe era difícil manter a arma direita, o dedo no gatilho, nem precisava fazer força para a sustentar. Aproxima-te, anda. Calculou a distância, o que em baixo de água era muito pouco certo, como a experiência lhe ensinara. Já estava ao seu alcance, parecia-lhe. Mas resolveu esperar, não podia errar o primeiro tiro. Se falhasse, não teria tempo de recarregar a arma com o arpão de reserva, logo um tentáculo o agarraria. Tu não tens medo, senão já tinhas lançado a tinta para escurecer a água. Nem estás pronto para o ataque, senão também mijavas o teu líquido roxo. Que esperas? Queres que seja ainda eu a avançar. Não é justo, só deste uns passinhos com os teus braços-pernas desajeitados. Mas realmente é exigir demais, quando é que os índios foram leais, ou os vietnamitas, ou os reaccionários militaristas? Sou eu o bom da fita e por isso tenho de voltar a tomar a iniciativa, não tens valor para tanto.

Afastou o corpo da rocha, num passo lento dum metro. Enquanto o fazia, muito devagar, reteve uma imagem da infância, em Luanda, foi como um clarão, vendo um corpo negro deitado no asfalto a ser espancado por polícias brancos e negros. Não era um ladrão, soube depois, era um jovem trabalhador que retilara com o patrão porque lhe tinha indevidamente descontado três dias de salário. O patrão chamou a polícia, começaram a bater, empurraram-no para a rua ali continuaram a bater. Ele era muito pequeno, teria cinco anos, viu o corpo sangrando, deitado no asfalto, e quatro homens a aporriñarem-no brutalmente. Foi essa visão rápida que veio, como no momento de dar a ordem de ataque nos combates que percorrera na vida. Sabia, a visão vinha como um clarão, um relâmpago, nunca como um filme em câmara lenta.

O polvo deve ter adivinhado, porque esboçou um gesto para cima. Já o arpão atravessava a água para se cravar embaixo da linha dos olhos. A gruta ficou escura de repente, com o líquido que o bicho largava. Aníbal sentia apenas a pressão sobre a corda fixa à arma. Pensou em voltar a carregar a arma com o arpão de reserva, mas para isso teria de largar a lanterna, não tinha três braços. O polvo via naquela escuridão, ele não. Pôr a lanterna na boca e segurá-la com os dentes também não podia, por causa do tubo de respiração. Situação empírica, pensou como antes nas batalhas, que na linguagem guerrilheira significava situação complicada. Continuava a sentir a força do polvo na corda. Enquanto a sentisse, tudo estava bem, era ele a tentar afastar-se. Quando deixasse de sentir e que podia ser mau, significava o ataque. Tentou controlar o pânico dentro de limites razoáveis. Devia ter arranjado maneira de fixar a lanterna à cabeça, como o fazem os mineiros. Ficaria com os dois braços livres. Mas agora era tarde, só podia

esperar para ver. Lembrou-se do punhal que trazia sempre na perna. Com a mão esquerda segurando a lanterna, conseguiu puxar do punhal. Não era muito fácil utilizá-lo nessas condições. Passou a lanterna para a mão direita, que ficou segurando a lanterna e a arma. Tinha a mão esquerda livre para manejar o punhal, arma fraca para tal momento e ainda por cima não era canhoto. Melhor que nada. Sentiu nesse momento a pressão diminuir sobre a arma. Era o ataque?

(PEPETELA. *Geração da Utopia*. Lisboa: D. Quixote, 1995, p. 246–248)

José Luandino Vieira: ***A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*** **(1974, LA)**

José Luandino Vieira (1935) é um dos nomes mais emblemáticos da literatura angolana, um dos maiores inovadores nas literaturas de língua portuguesa. Na sua obra mais conhecida, Luuanda (1964) recria o universo urbano, em geral o dos musseques, através de estórias um tanto picarescas de personagens do povo. A novela aqui apresentada, escrita já nos anos 60, pode ser classificada como uma alegoria político-nacional, de forte implicação ideológica (de consciencialização das massas angolanas na luta pela libertação), que se aproxima tematicamente e estilisticamente do neorrealismo português. A sua ação desenrola-se à volta da prisão e morte de Domingos Xavier, um trabalhador na construção da barragem de Cambambe, militante do MPLA, tornado um herói angolano pela sua resistência e solidariedade para com os companheiros que durante a tortura se negou a denunciar. Atenção especial merece a sua dimensão simbólica, veiculada por motivos naturais, tais como o rio Kuanza, emblema nacional, metáfora da luta do protagonista e do povo angolano sob o jugo colonial, e a chuva que, alterando entre a forte bátega com relâmpagos e uma chuvinha meiga, corresponde às sensações de esperança e desespero da mulher de Domingos na sua procura pela cidade.

Quando o trovão rasgou o céu da cidade e a grande chuva começou cair, Domingos Xavier acordou assustado. Deitado de barriga, sentindo tudo molhado, gemeu com as dores que lhe percorriam no corpo, tentou apalpar com os dedos grossos os lábios inchados. A dor foi tão grande que sentiu a cabeça cair e bater contra o chão molhado. Lá fora a chuva saía em bátegas fortes em cima do musseque e na terra vermelha se levantava aquele cheiro bom que lhe refrescava nos pulmões. Depois, o bater sereno da chuva no quintal mergu-

lhou-lhe novamente na sonolência, sentia os rios de água crescerem debaixo do seu corpo, por toda a cela, correrem por todo o musseque, se transformando em largas e fortes águas no caminho do grande rio, lá em baixo, lá mais para baixo...

Lá em baixo o Kuanza rugia, zangado, adivinhando a bota de betão que esperava para lhe engolir, obrigando-lhe a furar o morro num caminho de poucas centenas de metros, substituindo o leito milenário que tinha cavado, por suas águas, na rocha dura ou nas areias quentes. As águas falavam suas fúrias, agora impotentes, recordando os rápidos para lá do muro, secos no sol, criando musgos nas poças de água parada, finalmente quieta. O cotovelo onde o Kuanza se afinava nos últimos gritos das suas águas, correndo indomáveis entre rochas desde o planalto onde nascia, morrera. Secava agora no sol suas paredes de granito. E lá em cima, nos morros, casas de alumínio e de cimento, barracões e escritórios, centrais eléctricas de potentes díseis fumegantes, escarneciam ferozes do colosso desviado. Para lá da saída do túnel de derivação, as águas se suicidavam, subindo desesperadas muitos metros no ar e deixando-se depois abater lá em baixo nas pedras, nos muros de defesa que os tractores construíram em suas margens. Mas logo-logo, entre árvores e capim, os musgos, os ruídos que ele conhecia tão bem, pequenos fios de água enterneciam de novo o velho colosso: vinha a recordação de caminhos percorridos na longa mancha do verde planalto do Huambo, dos amigos recebidos no seu leito, e a sua fala se adocicava, o rugir desaparecia, ronronava só, em frente do Ndongondo, um sorriso se alargava já na sua cara, mais para baixo, para a Muxima, caminho do mar.

Desfilavam, diante dos olhos cansados e inchados de Domingos Xavier, as mulheres descendo o caminho que seus pés tinham feito no capim, para baixo, para as pedras onde lavavam roupa. Aí, o ruído das máquinas trabalhando ou as detonações dos tiros nas pedreiras chegavam abafados. O vento dali só levava nos morros gargalhadas, falas e gritos das mulheres da sanzala no seu serviço de lavar. E o Kuanza ia para baixo, rugindo, arremetendo contra o paredão que lhe esperava...

(VIEIRA, José Luandino. *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 71–72)

José Luandino Vieira: *Nós, os do Makulusu* (escrito 1967, publicado 1975, LA)

Também este romance de José Luandino Vieira foi escrito ainda antes da independência (1967). A sua ação situa-se em Luanda, em 1963, mas são sobretudo as recordações da infância do narrador que se tornam particularmente importantes. Assim, o narrador, branco, filho de colonos portugueses, recorda o irmão mais novo, Maninho, que mais

tarde, no conflito armado, optou pelo lado português e na guerra encontrou a morte, o meio-irmão Paizinho, aprisionado mais tarde por atividade política, e Kibiaka, o negro que mais tarde morre como guerrilheiro. Tal grupo simboliza também a construção da identidade angolana, baseada na mistura racial e no desejo de autonomia e liberdade (há, inclusive, uma sequência que funciona como um refrão no romance: “nesta nossa terra de Angola” ou “nesta nossa terra de Luanda”). Um dos momentos significativos é a descida a uma caverna em Makulusu que, para além das implicações sexuais para os pré-adolescentes, constitui um símbolo da matriz, da terra-mãe com a qual os rapazes se possam identificar.

Queria voltar a trás, me ver ainda uma vez mais no espelho, daqui a dez anos, ou antes: de hoje a dez anos, mas tenho já a dona Marijosé na minha frente. Me ver no espelho do meu quarto, na Rua das minhas Flores, rua do antigamente da nossa terra de Luanda e o Paizinho grita:

– Ansim não vamos chegar lá!

E voltamos a nos debruçar no mistério do buraco vermelho, vagina da terra, barroca descabassada por nós, pioneiros, sete, oito, seis metros de fundo. Aparece a sotavento a colina coberta de flores das acácias floridas e com os olhos só, desvio-lhes dos seios mulatos da minha quase cunhada, mostro ao Maninho:

– És capaz de seguir, partindo dali, o caminho da Makokaloji? ...

É outro jogo onde Rute não entra. Mas quando lhe procuro os olhos ela sorri do nosso recordar. As mulheres que amam, de tudo tiram mel da vida – abelha-mestra que lhe fabrica da morte do zangão, escuta e sorri como não vai sorrir nunca mais, ainda não tenho a certeza.

– Só há maneira, Kibiaka. Vês no muxixeiro? Tirem os cintos!

Este sou eu, o matemático, o objectivo, quem que quer certezas, que vi e mando. Paizinho tira, Kibiaka não tem e eu estou com o meu na mão. E então, com arco de barril – catana, cimitarra, alfageme, misericórdia, bouinaife, tudo que nós queremos – tiro as cascas no muxixeiro. E faço a corda. Quatro metros, dez metros? As cassuneiras se riem de nós como vão se rir os sacristas do Bairro Azul e tem de passar porrada, gapse e bassula e pedrada? Não pode. Olhamos todos no fundo da caverna do feitiço, só Kibiaka, que tem medo, finge está ver o vento ou alguém nos perseguiu para adiantar roubar a glória e o tesouro escondido lá.

– Eu vou primeiro!

Uma voz só que podia dizer isto, só um loiro cabelo de carapinha e os olhos de meu pai, padrinho de mentira dele: Paizinho, o nosso maior capitão-mor de todos os musseques da nossa terra de Luanda, aí, nesse dia, nossa coragem reunida. A corda inventada vai até no meio e ele dependurado do fim dela, fica quase a tocar o cimo das cassuneiras,

flores da mupinheira. Baloíça e olha para cima: redondo de céu azul, lua cheia com as manchas de nossas caras sérias, esperantes, é o que eu penso ele viu, antes de cair no vácuo, desconhecido, no mistério da caverna e o seu grito dele nos bate na cara banza:

– Enu mal' é!

E todos estamos já mirar no redondo do céu azul sem nuvens oito metros acima de nós, o tronco debruçado do muxixeiro só, e a corda a se baloiçar no vento. Os sardões fugiram, outros estão esmigalhados nas fisdadas certeiras. O fundo é de barro branco, húmido e fresco, pempa de quimbanda e feitiço. E o vento zunia lá em cima na boca do inferno onde que voluntariamente descemos. Olho Paizinho, os seus olhos olham os meus; olho Maninho, idem, idem; Kibiaka, esse, chupa flores de mupinheira, guloso de doces. E espetamos os arcos de barril no chão e arrancamos a pempa e embrulhamos no lenço de Maninho para os fidascaixas do Bairro Azul verem e aprenderem que nós as temos no sítio. Junto com tudo, quatro sardões azuis-esverdeados, mortos, flores de mupinheira, bagas de cassuneira, cola que chupamos. O vento zune e Paizinho põe a mão no meu ombro e ri e eu rio:

– Descemos, póp'las! Enu mal' é!

(VIEIRA, José Luandino. *Nós, os do Makulusu*. Lisboa: Edições 70, 1985, p. 45–47)

José Sousa Jamba: *Patriotas*

(1990, LA)

Este romance de José Sousa Jamba (1966), o escritor e jornalista angolano, repartido entre o espaço lusófono (Angola, o Brasil, Portugal) e anglófono (EUA, Grã-Bretanha), constitui uma exceção, já que não foi originalmente escrito em português, mas em inglês. A sua inclusão nesta antologia deve-se, no entanto, à importância que esta narrativa exerce no contexto angolano. A maioria das obras angolanas que tratam sobre a luta pela independência, como é sabido, foram escritas por partidários do MPLA (caso de Pepetela, José Luandino Vieira, Manuel Rui etc.), a voz dos outros, então, tem-se mantido em silêncio (entre outras pela simples razão de os representantes e simpatizantes do MPLA terem pertencido a uma elite letrada e urbana, enquanto os outros partidos recrutavam os seus partidários entre as massas rurais). Este romance conta a experiência, de cunho autobiográfico, de um partidário da UNITA que decidiu lutar nas fileiras deste partido por se tratar do partido existente na zona onde nascera e perdera os pais, e por estar convencido que este partido abomina o marxismo e comunismo, com os quais o jovem protagonista

Hosi não se podia identificar. Um aspeto temático, realçado neste romance, diz respeito ao amor à pátria e ao sonho de chegar à harmonia entre os seres humanos.

Abanando a cabeça, o coronel disse: «Sei que é difícil para uma pessoa como tu, acabada de chegar do estrangeiro, adaptar-se a esta sociedade. Também já percebi que não é uma sociedade como deve ser. Estamos a tentar fazer duas coisas ao mesmo tempo: primeiro, tentar aniquilar os lacaios do Kremlin em Luanda; segundo, tentar criar um homem novo, o homem que conduzirá Angola à revolução socialista. Só te peço que sejas muito cuidadoso em tudo o que disseres. Está bem?»

Depois, entregou-lhe uma pequena brochura, dizendo-lhe que compreenderia melhor a guerra depois de a ler.

Mal chegou à casa de hóspedes, Hosi pôs-se a lê-la. Estava escrita em inglês e chamava-se UNITA – *Constituição e Estatuto de Regulamento Interno*. Havia várias passagens sublinhadas a vermelho. Tomou nota delas todas. A primeira dizia: «À nossa revolução nacional e democrática deve seguir-se uma revolução socialista, único garante da defesa do nosso povo».

Folheou até encontrar outra passagem sublinhada:

«Art.º 46–A pena capital será a punição prevista para várias ofensas graves».

Ficou deitado, a reflectir. Estava muito confuso. Afinal, a UNITA era socialista ou capitalista? Pelo que tinha lido, parecia-lhe que era socialista. Não se opunha ao socialismo, mas também não confiava muito nele. Toda a gente sabia que na Tanzânia, Ujamaa não chegara a parte alguma e Nyerere acabara por admitir o fracasso. Porém, talvez a sua aversão ao socialismo fosse mais profunda. Nunca soubera quem havia matado os pais, mas na Zâmbia as pessoas diziam que devia ter sido o MPLA. Quando fugiu para a Zâmbia, só ouvia falar dos problemas causados pelo socialismo e pelo comunismo. Os mais velhos estavam sempre a falar do imperialismo comunista e invocavam o nome do Senhor, pedindo-lhe que livrasse o povo do socialismo.

A sua desconfiança relativamente ao marxismo, ao socialismo e ao comunismo (nunca se dera ao trabalho de aprender as diferenças entre eles) viu-se reforçada na escola, quando resolveu estudar literatura inglesa. Um dos livros obrigatórios era *Um dia na vida de Ivan Denisovich*, de Soljenitsin, o único livro do curso não escrito por um autor africano. A princípio não conseguira percebê-lo mas, depois, achara-o assustador. Era como se conhecesse as pessoas cujas vidas no campo de concentração o livro descrevia. Uma voz dentro de si dizia-lhe que os russos é que tinham conduzido os tanques que haviam forçado os ovimbundus a refugiarem-se em Angola. Depois, com o professor, um cristão convicto, as suas ideias tinham ficado mais claras. O Sr. Vasco era um indiano de Goa e dissera aos alunos que embora Soljenitsin se propusesse descrever os males do estalinismo, na realidade defendia que o socialismo como um todo era um mal. Foi então que começou a ter aversão ao socialismo.

Tinha aderido à UNITA por ser ovimbundu, mas gostava de pensar que a sua opção se devia, em parte, a razões ideológicas: o MPLA defendia o comunismo, que era um mal, ao passo que a UNITA era a favor da democracia, que era boa. Agora, deitado na cama, sentia-se confuso. Perguntava-se por que razão aquela brochura falava de socialismo. O MPLA falava da criação do homem novo – um homem revolucionário e versado em marxismo.

(JAMBA, José Sousa. *Patriotas*. Lisboa: Cotovia, 1991, p. 150–151)

José Eduardo Agualusa: *Estação das Chuvas*

(1996, LA)

Mais um romance que provocou uma polémica, desta vez não quanto à escolha do lado político, mas quanto à liberdade de manipular com certas ícones da luta angolana pela independência. Trata-se de um retrato fictício do século XX angolano, o qual poderia ser facilmente confundido com a verdade histórica, pela estratégia narrativa que simula o estilo documentário (jornalístico, epistolar, filológico), pela inclusão de personagens cujos nomes remetem a figuras históricas (Mário Pinto de Andrade, Viriato da Cruz, António Jacinto, Agostinho Neto), pelas referências a títulos e extratos de periódicos conhecidos e pelo rigor espaço-temporal (todos os eventos são datados e situados). Os períodos singulares da história angolana, que são também os mais doridos, seguem quase cronologicamente, com exceção da inicial anacronia (o início simbólico da proclamação da independência). Em todo o romance domina o imaginário da morte que assenta num fio de motivos apocalípticos: na desolação das cidades e do campo, no fogo e, simultaneamente, na putrefação, bem como no bestiário invocado através dos sonhos (alforrecas, formigas, gafanhotos, aranhas, lobos). A imagem de Angola no recomeço da guerra civil (e no final do livro) é deveras a de um país morto, submerso, soterrado pelas cinzas. Com o exame dos males, então, não se procede a alguma tentativa de os extrair ou sarar. Pelo contrário, a sua acumulação progride inexoravelmente até à declaração do óbito do país (“Este país morreu!”). Trata-se portanto de um romance bem problematizante, questionador e complexo na sua vertente sociopolítica.

A Segunda Guerra Mundial tinha terminado e a Luanda chegavam notícias fragmentadas de um mundo em renovação. A derrota do nazismo atingia a própria essência das teses racistas implantadas em Angola a partir dos fins do século passado. O darwinismo

social era motivo de troça nas academias e os arrogantes germanófilos, que ainda há poucos meses advogavam a separação das raças e o afastamento dos negros e dos mulattos de todos os cargos públicos, tinham-se calado. Os estudantes organizavam marchas para apedrejar as janelas do consulado da Alemanha, ao mesmo tempo que exasperavam o cônsul inglês com repetidas manifestações de apoio e agradecimento. Salazar, porém, continuava a apertar as malhas do império e os Angolanos viam-se cada dia menos donos do seu próprio destino. Os mais velhos falavam de um tempo onde eram os filhos da terra que dominavam a vida económica, cultural e até política de Angola, mas os jovens riam-se deles. Alguns desses velhos sonhavam com a restauração dos antigos partidos do tempo da monarquia: falavam muito do Partido Pró-Angola.

Um escasso número de infatigáveis idealistas, como o velho Carmo Ferreira, envelheciam nas mesas dos cafés, tentando prender uns aos outros os confusos e apodrecidos fios da revolta.

Neste ambiente, a poesia surgiu entre a juventude como o mais óbvio caminho de afirmação cultural: «tiravam-nos tudo, a dignidade, as terras, os homens. E no fim o próprio rosto», disse-me Lídia, «tiravam-nos todo o passado e nós olhávamos em volta e não éramos capazes de compreender o mundo. Então começámos a escrever poesia. A poesia era um destino irreparável, naquela época, para um estudante angolano».

Era uma poesia pobre mas generosa, atenta às distorções sociais e sobretudo obcecada com o sagrado espaço da infância, esse último e mais profundo reduto da memória, não a particular, mas a geral, a que explicava o mundo. A infância dos remotos costumes ainda preservados: o *makèzu*, a cola e o gengibre, o quimbundu mestiço das quitandeiras, as lendas que as avós contavam, sempre habitadas por bichos falantes e por estranhos seres prodigiosos.

Os jovens poetas tinham a consciência do seu papel messiânico. «Escrevíamos para a História», disse-me Lídia. Contou-me que certa vez encontrou Viriato da Cruz a passear no Largo da Mutamba. Estava sozinho, mas parecia concentrado em alguma coisa. Lídia perguntou-lhe o que fazia e Viriato respondeu que estava aguardando o eco. Ela estranhou: «Essa agora, eco de quê?!». Viriato explicou que publicara nesse dia um curto poema num qualquer jornal da cidade:

– Não o leste? Não faz mal, os teus netos hão-de-o ler.

Foi concerteza nos finais dos anos quarenta. Viriato recuperava de uma tuberculose. A doença e a falta de recursos financeiros tinham-no forçado a abandonar os estudos. Passava os dias a ler. Recebia do Brasil os livros proibidos da revolução e lia como um danado. Lia também alguma literatura: Jorge Amado, Erico Veríssimo, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, os clássicos russos, os primeiros neo-realistas portugueses. Tinha um espírito curioso e excitado. Recebia as críticas com dificuldade mas era sempre o primeiro a criticar. Falava na necessidade de os Angolanos redescobrirem Angola, defendia o estudo do quimbundo – «a nossa língua verdadeira» – e sonhava com uma ampla revolta dos camponeses e das massas oprimidas dos musseques. Ao mesmo

tempo, criticava com uma ironia feroz «os pequenos valores burgueses» da velha aristocracia luandense, irritava-se com as limitações intelectuais do seu círculo de amigos e era considerado por muita gente como um sujeito pretensioso e arrogante. Na verdade, sentia-se constrangido sempre que falavam quimbundo à sua frente e quando visitava a família em Porto Amboim, onde nascera, evitava os camponeses porque não sabia o que lhes dizer. Secretamente, invejava aqueles que partiam para estudar em Portugal.

No dia em que Lídia se foi embora, apareceu no cais no último minuto, já os passageiros se preparavam para subir as escadas. Trazia um ramo de rosas e estava cheio de febre. Não lhe disse adeus. Disse-lhe: «Irmãzinha, não te esqueças de nós!».

Chovia. Lídia passou-lhe os braços à volta do pescoço, puxou-o para si e sentiu-lhe o corpo que tremia. Ardia. E a ânsia, a fragrância das rosas.

(AGUALUSA, José Eduardo, *Estação das Chuvas*.
Lisboa: Dom Quixote, 1997, p. 63–65)

– *Como é que o mundo reagiu ao 15 de Março?*

– A revolta de 15 de Março e depois a resposta dos Portugueses, lançaram Angola para o centro das atenções a nível mundial. A UPA, não obstante receber apoio americano, conseguiu despertar simpatias entre alguns sectores da esquerda revolucionária, forçando o MPLA a radicalizar posições. Em entrevistas e declarações à imprensa americana, Holden Roberto denunciava-nos como um grupo de comunistas enfeudados a Moscovo. Ao mesmo tempo, percebendo que a UPA jamais se conseguiria afirmar nacional e internacionalmente enquanto se mantivesse amarrada aos velhos ideais de restauração do Reino do Congo, que tinham presidido à sua criação, Roberto tratou de estabelecer alianças com outros grupos e individualidades de diferente origem étnica e foi assim que surgiu a Frente Nacional para a Libertação de Angola, FNLA. Em conversas de corredor os dirigentes da FNLA definiam-nos como filhos de colonos, mulatos e brancos, querendo usurpar o poder aos pais. Foi a melhor definição que até hoje ouvi sobre o MPLA.

– *Pode ser uma boa definição. Mas convém não esquecer que nos Estados Unidos ou na América Latina também foram os filhos dos colonos que fizeram a independência.*

– É verdade, mas antes disso tiveram o cuidado de eliminar os índios. Seja como for, a FNLA procurava realçar a nossa origem pequeno-burguesa, insinuando que nenhum de nós tinha ligações às massas camponesas e que não éramos, por isso, capazes de estruturar um movimento de acção armada contra o domínio português. Frantz Fanon, que na altura tinha muito prestígio junto da esquerda europeia, por causa do seu apoio aos independentistas argelinos, foi uma das primeiras personalidades a defender esta posição.

– *Como é que o MPLA reagia a esse tipo de acusações?*

– Em 1962, o Partido Comunista Português conseguiu, com apoio soviético, libertar Agostinho Neto e ele foi eleito presidente do MPLA em Conferência Nacional, já em Kinshasa, para onde se tinha transferido a direcção do movimento. Foi claramente uma mano-

bra para calar as insinuações da UPA. Neto era negro, era filho de um pastor protestante e contava com grande apoio popular na sua zona de origem, Catete. Além disso, a sua prisão, em 1960, fizera dele um herói de carisma internacional. Em Paris chegou a correr um abaixo-assinado exigindo ao governo português que o libertasse. Sartre, por exemplo, assinou-o.

– *Nessa altura ninguém contestava ainda a liderança de Agostinho Neto?*

– Ninguém! Excepto, é claro, o Viriato da Cruz. O Viriato não aceitou a decisão da Conferência Nacional. Ficou louco de fúria: «Esse homem é um autocrata!», gritou em plena reunião, o dedo apontado na direcção do Neto. Estava completamente sozinho. Mário de Andrade e todos os nossos companheiros de Conakry ficaram em silêncio. Alguns levantaram-se para o denunciar como oportunista ou radical. Eu, mal soube do que se estava a passar, tomei um avião e voei até Kinshasa na tentativa de conciliar as duas posições. Não consegui nada. Viriato achava que nós estávamos contra ele pelo facto de ser mestiço, e Neto, com aquela sua obstinação bovina, recusava-se a encabeçar uma lista onde figurasse o nome do Viriato.

(Entrevista com Lúcia do Carmo Ferreira, Luanda, em 23 de Maio de 1990)

(AGUALUSA, José Eduardo, *Estação das Chuvas*.
Lisboa: Dom Quixote, 1997, p. 113–115)